

## EDITORIAL

“O cristianismo nunca foi sinônimo de Europa nem de Ocidente” (Jenkins, P. *A próxima cristandade: a chegada do cristianismo global*. Tradução de V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 36).

**D**e mais de uma forma, o volume agora apresentado, contendo o primeiro número da *Oriente Cristão – Revista do Grupo de Estudos sobre História do Oriente Cristão*, é a realização de um sonho – ou, melhor dizendo, de uma série de sonhos encadeados, alimentados pela reflexão e empenho dos membros de seu Conselho Editorial. Além disso, por um lado, ela é o ponto de chegada do trabalho que temos desenvolvido no *Grupo de Estudos em História do Oriente Cristão* (GEHOC). Por outro, espera-se que seja primeiro movimento de uma conversação que desejamos seja tão rica quanto duradoura.

De modo imediato, o GEHOC foi gerado nos intervalos e conversas de corredor que emolduraram dois cursos oferecidos por este que agora aqui escreve, no primeiro semestre de 2019, no Centro Dom Vital do Rio de Janeiro. Um destes cursos teve como tema as reações e acomodações cristãs à conquista islâmica do Egito e as interações entre as comunidades cristãs e muçulmana nos dias que se seguiram a este empreendimento notável. O outro, sugerido pelos alunos do primeiro, pretendeu revisitar a ruptura entre as Igrejas de Roma e de Constantinopla que foi formalizada pelas mútuas excomunhões de 1054, inventariando e discutindo algumas de suas causas próximas e distantes, assim como suas interpretações e consequências. Enquanto conversávamos nos interstícios das aulas, percebemos que alguns de nós já éramos conhecidos de outros cursos e eventos acadêmicos e para-acadêmicos, realizados nas dependências de espaços institucionais tão diversos como próprio Centro Dom Vital do Rio de Janeiro, a Faculdade Evangélica das Assembleias de Deus, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e o Centro Loyola da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Também que já havíamos nos encontrado, como praticantes ou observadores externos, em Igrejas de Rito Oriental da mesma capital carioca, animados por um consistente interesse comum. Surgiu então a ideia de realizarmos uma atividade mais permanente, um grupo de estudos,

para discutir as comunidades do Oriente Cristão em seus mais diversos aspectos: teológico, político, social, cultural, iconográfico, e daí por diante. Em outro plano, tínhamos também a convicção partilhada de que abertura à diversidade constitutiva do cristianismo era não apenas uma necessidade hermenêutica para revisitar na contemporaneidade sua multifacetada experiência histórica, mas também um imperativo humanístico, e que, em observância a este, algo poderia e deveria ser feito em sentido diverso de discursos de separação cada vez mais estridentes que então ganhavam força no interior do cenário religioso e acadêmico brasileiro.

Esse desejado grupo de estudos foi incubado pelo Centro Dom Vital, tradicional núcleo da inteligência católica do Rio de Janeiro, com uma história repleta de ricos diálogos com o mundo acadêmico e não religioso de uma forma geral, mas desafortunadamente confundido muitas vezes, nestes últimos anos, com outros centros religiosos de proposta muitíssimo diversa. Principalmente sob a presidência do Prof. Dr. Renato Resende Beneduzi, o CDV nos ofereceu formidável acolhida e nunca nos exigiu fechamento confessional, de modo que somos e seremos sempre gratos a essa instituição. De fato, aí aninhados, enquanto coletivo, decidimos mais e mais nos alinhar ao redor de uma perspectiva clara e distintamente acadêmica, reunindo pessoas religiosas e não religiosas, cristãs e não cristãs, ligadas ou não a uma confissão de matriz cristã oriental, que tivessem interesses de estudo que fossem convergentes em suas temáticas. Uma palavra de esclarecimento precisa ser registrada nesta altura. Nunca perdemos a perspectiva de que o Oriente Cristão é, antes de mesmo de ser oriental, cristão, e de que qualquer abordagem a ele referente que se coloque completamente alheia (ou, pior, contra) esse a este horizonte se autocondenaria a um horizonte de descuidos, mal-entendidos e lapsos contínuos. Quase toda a documentação pertinente, de fato, é de origem fortemente confessional e, do ponto de vista hermenêutico, precisa ser assim considerada; mais ainda, para ser manejada com segurança, demanda adequado conhecimento bíblico, patrístico, litúrgico, entre outros, que uma pessoa de todo afastada deste âmbito teria uma dificuldade de abarcar, ao menos inicialmente, bastante considerável. Contudo, fez-se um fato dado que não estávamos sob qualquer omofório e precisamos construir alguma coisa nova para que simplesmente fizéssemos algo. A reunião ao redor das ferramentas teóricas e metodológicas providenciadas pelas Ciências Sociais e Humanidades em geral, em diálogo criativo com a Teologia e outros campos conexos do conhecimento, desta forma, apresentou-se como o átrio dos gentios

nos quais nos reunimos para examinar nossos interessantes comuns e tratar deles de forma cada vez mais bem informada, profunda e qualificada. A partir do momento de nosso afastamento institucional do CDV, isso se tornou ainda mais marcante em nossa forma de sentir, pensar e agir enquanto grupo.

Tínhamos como modelo algumas outras organizações similares, existentes no Brasil e no estrangeiro, assim como iniciativas de mesmo tipo que havia tentado desenvolver nos anos anteriores, com variados graus de insucesso, na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Trabalhamos à margem, mas sem dúvida não contra, o *mainstream* acadêmico e as organizações eclesíásticas, o que nos deixou, é preciso admitir, inicialmente um pouco desamparados, mas também com uma grande liberdade para nos organizar de forma autônoma e para perseguir nossos interesses da forma que acreditamos a cada momento ser mais convenientes. Neste ponto, assumimos mais claramente a perspectiva de que estamos e queremos estar em plano bem diverso dos historiadores, filólogos e intelectuais análogos que se dispuseram a estudar a documentação sobre Jesus para ajudar a deslocar o cristianismo de seu espaço em nossa civilização, ou de que se colocaram a estudar todo fragmento de informação sobre Maomé para desacreditar o Islã, e assim por diante. Não se trata de assumir uma postura demasiado reverente ou amarrada a algum tipo de compromisso confessional implícito, mas de considerar com o devido cuidado a documentação estudada e os agentes sociais envolvidos nas realidades que lhe deram origem e das quais dão testemunho. Com a pandemia de COVID-19, nossos encontros tornaram-se mais regulares e passaram do regime presencial para o digital. Cresceu o nosso número de participantes e sua abrangência; de fato, a passagem para o mundo online permitiu que incorporássemos em nossas discussões interessados de diferentes regiões do Brasil, aumentando a nossa pluralidade interna, tanto a nível de vinculações e trabalhos acadêmicos quanto no referente às convicções, pertencimentos e práticas religiosas subjacentes.

Nesta altura, tendo como principal guia rumo às fontes a nossa própria sede, começamos gradativamente a amadurecer a ideia de publicarmos uma revista acadêmica, reunindo trabalhos desenvolvidos pelos membros do Grupo e outros pesquisadores próximos de nós e/ou de nossos interesses de estudo. Em consequência disso, no meado de 2022, foi realizada uma chamada pública de textos, difundida pelas redes sociais, que teve alguns respostas. O empreendimento foi se tornando mais sério e descobrimos que ainda havia muito por aprender a fazer

para trazer a publicação à luz. O Prof. Gilcemar Hohemberger, criador e gestor da Editora Benedictus e atual editor da Revista *Coletânea*, publicação acadêmica da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, ajudou-nos no processo de ordenarmos as ideias, motivo pelo qual lhe somos muito gratos. Depois de muitas aventuras no processo de recepção, revisão e preparação para a publicação deste nosso primeiro número da Revista do GEHOC, é com alegria que os apresentamos a você, caro leitor, cara leitora.

O primeiro texto, “Quê é o Oriente Cristão?”, de autoria deste que aqui escreve, idealizador e atual coordenador do GEHOC, é uma versão expandida de verbete análogo antes publicado no *Dicionário de História das Religiões na Antiguidade e no Medievo*, volume organizado pelo Prof. Dr. Johnni Langer e publicado pela Editora Vozes em 2022. O objetivo deste escrito de efetiva abertura da *Oriente Cristão* é ser panorâmico e sinóptico, não só para clarificar ao leitor ainda desaviado sobre o que aqui se trata, mas também para estabelecer, de modo preliminar, alguns marcos sobre qual é a matéria de reflexão e de trabalho do GEHOC, no geral, e do interesse consignado no presente periódico, em particular. De certa forma, ele compõe um díptico com o artigo, do mesmo autor, de título “As várias fibras da túnica inconsútil: a história do cristianismo como mosaico e como rede” (*Coletânea*, Rio de Janeiro, Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, 2014, pp. 76-105), que, redigido como resposta a um dos sonhos que viria a dar neste Grupo, ainda permanece, dez anos depois, como uma espécie de manifesto seu.

O segundo texto, “O estabelecimento do cristianismo no Reino da Armênia entre os séculos IV e VI”, de autoria do Prof. Dr. Daniel Alonso de Araujo, dialoga diretamente com sua recente biografia de São Gregório Partev (257-331), mais conhecido como São Gregório, o Iluminador, Apóstolo dos Armênios, publicada pela Editora Paulinas. O Prof. Araujo é graduado em Letras Clássicas: Língua e Literatura Latina pela Universidade de São Paulo, e pós-graduado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes da mesma instituição, com pesquisas sobre a “Metafísica de Avicena” (Mestrado) e a “Psicologia de Avicena” (Doutorado), a partir de fontes latinas, com referência à filosofia escolástica. Além disso, tem estado envolvido com os estudos armênios de forma bastante madura. No artigo aqui apresentado, narra-se e analisa-se como a conversão oficial do Reino da Armênia no início do século IV se deu numa situação de alinhamento ao Império Romano, servindo também para afastá-lo do Império Persa e como importante fator de construção de uma identidade nacional e cultural armênia. Ele é fruto de pesquisas sobre cristianismo oriental

e história e cultura armênia, realizadas junto à seção de História e Língua, Literatura e Cultura Armênia do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo.

O terceiro texto, “História do Rito Bizantino”, é de autoria do Prof. Pedro Lucas Almeida da Silva de Freitas, membro do GEHOC, bacharel em Teologia pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro e licenciado em Filosofia pelo Colégio Pedro II. Trata-se de um artigo sobre a trajetória histórica e desenvolvimento litúrgico do chamado Rito Bizantino, uma apresentação introdutória e sinóptica fundamental a todos os eventuais interessados nesta forma de expressar e experimentar a fé cristã. Formando como que um díptico com tal escrito, encontra-se uma tradução preparada pelo mesmo Prof. Freitas de um trecho de um manuscrito grego datado da segunda metade do século VIII, antes pertencente à biblioteca do Cardeal Franceso Barberini (1597-1679), atualmente parte do acervo da Biblioteca Apostólica Vaticana, que apresenta o mais antigo registro integral da Divina Liturgia de São João Crisóstomo até agora conhecido.

Como quarto e quinto textos, apresentamos escritos retirados do acervo da *Échos d'Orient*, uma de nossas muitas inspirações para a publicação que agora damos a público. Esse periódico, cujo surgimento e trabalho se encontram emaranhados tanto com a tentativa de buscar um entendimento entre católicos romanos e ortodoxos nos séculos XIX e XX, quanto com a origem e expansão de uma série de iniciativas acadêmicas de maior relevo sobre o Oriente Cristão – como a formação do Instituto de Estudos Avançados Bizantinos (IEAB) –, tinha como finalidade explícita igualmente a discussão e a divulgação científica e o fomento do diálogo intercultural e ecumênico. Antes, de 1895 a 1912, Escola Prática de Ensino Superior do Instituto Kadiköy, mantida pelos religiosos da província francesa da Congregação dos Agostinianos da Assunção, o IEAB funcionou em Istambul de 1914 a 1922, em Atenas de 1922 a 1937, em Bucareste de 1937 a 1947, e em Paris de 1947 a 1980, quando foi incorporado, com sua rica biblioteca, ao Instituto Católico de Paris. A *Échos d'Orient* foi criada em 1897, e, nos anos 1943 a 1946, gradativamente se tornou a *Revue des Études Byzantines*, respeitável periódico acadêmico ainda em circulação – desde 2010, sob a responsabilidade também da Editora Peeters, de Lovaina.

O primeiro desses escritos, “Um esclarecimento do Patriarca Miguel, o Oxeíta (1143-1146) sobre a fórmula de consagração eucarística”, de autoria do Pe. Sévérien Salaville (1881-1965), originalmente publicado em 1913, é mais um dos movimentos deste importante pesquisador e empreendedor dos estudos sobre a história

do Oriente Cristão dentro da polêmica entre latinos e bizantinos a respeito do preciso momento em que a Eucaristia se realizaria. A este escrito breve e significativo, juntamos notas históricas e alguns anexos que pensamos serem relevantes como seu complemento: a íntegra da carta mencionada por Pe. Salaville, publicada em 1648 por Leão Alácio (1586-1669); alguns trechos da discussão sobre o mesmo assunto empreendida por esse especialista francês no *Dicionário de Teologia Católica, contendo a exposição das doutrinas da teologia católica, suas provas e sua história*, importante obra de referência publicada no mesmo ano de 1913; e um seu texto preliminar referente à questão publicada na mesma *Échos d'Orient* em 1911.

O segundo dos textos provenientes da *Echos d'Orient* presente no volume agora apresentado é “O exorcismo de São Trifão Mártir”, de Louis Arnaud, personagem até agora tão misterioso quanto o tema que aborda. Jornalista, correspondente em Atenas do diário parisiense católico *La Croix*, Arnaud cobriu a serviço deste as Guerras dos Balcãs (8 out. 1912 a 10 ago. 1913), e publicou dezesseis artigos mais ou menos curtos entre 1909 e 1913 na revista *Échos d'Orient*, a maior parte dos quais volta-se à descrição de fenômenos ocorridos na franja em que se sobrepunham os costumes litúrgicos ortodoxos de matriz bizantina e a religiosidade popular greco-balcânica – como é o caso do referido exorcismo de São Trifão, que nos remete ao contexto da vida camponesa no interior do Império Romano do Oriente.

O sexto escrito apresentado neste primeiro volume da *Oriente Cristão* é o “Breve introdução à arte bizantina”, do Prof. Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca, um dos primeiros e mais constantes membros do GEHOC. Apresentando com leveza e propriedade aquilo que o título do texto anuncia, o Prof. Fonseca sustenta o argumento de que a arte bizantina de certa forma representa a espiritualização e cristianização da arte clássica greco-latina. Para tanto, reúne à sua formação como especialista em história da arte e da arquitetura também sua experiência como engenheiro e como escritor de ícones.

O sétimo texto, “A Transfiguração de Jesus: estudo de um modelo iconográfico bizantino”, é de autoria do Prof. Me. Elias Feitosa de Amorim Júnior, doutorando em História da Arte pela Universidade de Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), mestre em História da Arte pela Universidade Estadual de Campinas, bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo, pesquisador ligado ao Projeto de Pesquisa “Instrução e conversão no mundo dos *exempla*: pilares da moral cristã”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, e membro do GEHOC. Seu artigo volta-se a apresentar uma

reflexão a respeito do modelo iconográfico da Transfiguração de Jesus a partir da análise de diferentes suportes (mosaico, vitral, afresco e iluminura) no intuito de apontar a diversidade cultural a eles relacionada dentro e fora do Império Bizantino, explorando a circulação destes modelos entre o Oriente e Ocidente entre os séculos VI e XIII. Neste sentido, sua análise buscou realizar uma interpretação interdisciplinar sobre as imagens consideradas, ponderando sua localização nos respectivos suportes, compondo a tessitura de pensamentos e conceitos articulados ao se considerar a forma plástica, as práticas de culto e a reflexão teórica que assegura a sua legitimidade. Resultado de uma fina pesquisa, foi apresentada em uma versão anterior na Revista *Signum*, da Associação Brasileira de Estudos Medievais, no âmbito do dossiê temático “Medievos e medievalidades a partir de uma história da arte global” (v. 23, n. 2, 2022, pp. 38-54).

O oitavo texto do volume, “Indumentária bizantina: os fios e as tramas da História”, da Prof.<sup>a</sup> Gloria Maria Mendonça de Souza, é uma rica discussão que partiu da constatação e análise da exuberância dos trajes e adornos da elite bizantina exibidos durante o auge do Império Romano do Oriente e seus significados através das cores e da sua religião. Ao empreendê-la, emerge como no Império Romano do Oriente o vestir não era apenas uma questão de proteção, conforto ou beleza pessoal, mas uma complementação material e uma expressão simbólica do poder e do prestígio associado aos seus detentores, de como a indumentária fazia parte de um código de comunicação que exprimia e fixava posições sociais, culturais, étnicas, de gênero e de proximidade ou distanciamento com o âmbito do sagrado. Neste sentido, contribuiu de forma significativa não só a formação específica em Humanidades e Ciências Sociais da Prof.<sup>a</sup> Mendonça, graduada em Letras e em História e especialista, pela Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, em História do Brasil Colônia e História Antiga e Medieval, mas também seu treinamento, talento e experiência como estilista e empreendedora no ramo da moda. Tive a ocasião de acompanhar como orientador a elaboração e primeira apresentação deste texto, em versão ainda bastante diversa, como monografia do curso de Pós-graduação *lato sensu* em História Antiga e Medieval, no meado de 2016; e alegria redobrada tive em acompanhar igualmente o seu processo de alteração, enriquecimento e revisão para publicação neste espaço, quase dez anos depois.

O nono texto da *Oriente Cristão* de certa forma vai na mesma direção da discussão do anterior, ainda que versando sobre tema diverso, ao trazer para o debate empreendido neste nosso primeiro número um outro tipo de expertise que acaba por enriquecer em muito o seu conteúdo

historiográfico. Intitulado, “‘Não só de pão vive o homem’: breve análise acerca das práticas alimentares na história da Igreja Cristã Oriental”, tem como autor o Prof. Felipe Daniel Ruzene e apresenta interessante análise, baseada em rica revisão bibliográfica, das práticas alimentares e dos jejuns nas Igrejas Ortodoxas Orientais em diferentes contextos, regiões, classes sociais e períodos históricos, focando, sobretudo, nas dietéticas medievais e contemporâneas de clérigos e fiéis greco-ortodoxos. Trata-se de texto extremamente rico, que ajuda a compreender um pouco melhor a influência multidimensional do cristianismo oriental nos indivíduos e coletividades a ele aderentes, ajudando-nos a avançar um pouco mais no sentido de pensar o caráter de fato social total da pertença cristã neste âmbito. Para sua discussão o autor, que é mestrando em História Antiga pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Senna Garraffoni, reúne também sua formação como bacharel em Filosofia e como pós-graduando em Gastronomia.

O décimo texto, “Breves considerações sobre a experiência utópica de peregrinação de Daniel, o Hegúmeno (século XII)”, do Prof. Me. Leandro César Santana Neves, doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, parte da consideração da experiência e imaginário de um hegúmeno de Novgorod, de nome Daniel, que, no início do século XII, conseguiu a proeza de visitar Jerusalém e deixou como legado um registro descrevendo o percurso de sua peregrinação. Em tal documento, o autor monástico narrou a perfeição edênica da Terra Santa bem como os perigos de se chegar no paraíso terreno, compreendendo assim Jerusalém como um fragmento deste. Partindo da leitura de tal *Vida e peregrinação de Daniel, hegúmeno da Terra Rus'*, o *paper* do Prof. Neves busca evidenciar e discutir brevemente o pensamento utópico expresso neste relato. Uma primeira versão deste texto, em inglês, intitulada “Utopic experience in Daniil the Hegumen's pilgrimage (12<sup>th</sup> century)”, foi proferida pelo autor no evento *Migrations in the Slavic Cultural Space*, em 2022. O Prof. Neves solicitou que registrássemos aqui o seu genuíno agradecimento ao convite da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zofia Brzozowska, da Universidade de Łódź, que possibilitou a existência da comunicação; e nós agradecemos que, ainda que não tenha podido publicar diretamente o texto original no livro resultante do evento, o autor nos esteja dando a oportunidade de apresentá-lo agora, em nosso idioma, ao público interessado deste volume.

Por fim, apresentamos um conjunto de quatro documentos históricos referentes ao Oriente Cristão que, salvo engano, estão sendo aqui disponibilizados pela primeira vez em português. Além da já

mencionada tradução realizada pelo Prof. Freitas da Divina Liturgia de São João Crisóstomo de acordo com o *Eucólogio Barberini gr. 336*, que dá áureo fechamento a este número da *Oriente Cristão*, apresentamos a tradução célebre carta de Ibas de Edessa (m.457) a Maris, o Persa, redigida em 433 ou 434, realizada por Ian Nezen, graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade de São Paulo e criador e mantenedor de importante perfil no Instagram sobre o Oriente Cristão, o @cristianismosorientais, que tem disponibilizado nesta rede social relevantes fragmentos documentais a esse respeito, muitos dos quais antes de todo inéditos em nosso idioma. Também há duas traduções de documentos bastante pertinentes para o conhecimento da Antiguidade Cristã produzidas por este que aqui escreve, a *Crônica de Edessa* e a *Crônica até 819*, que consignam importantes notícias particularmente sobre as fases iniciais do cristianismo siríaco. Estes textos, até onde sei ainda não trabalhados pelos historiadores de nosso país, são acompanhados de introduções históricas e notas explicativas, mas estão longe de serem definitivos; de fato, espera-se que esses trabalhos ora apresentados possam ser muito em breve superados por outras traduções ao português que sejam feitas diretamente dos textos siríacos. Tratam-se, neste sentido, de versões instrumentais, surgidas da reflexão realizada nos encontros do GEHOC e que tem a intenção não só de nutri-las, mas também de expandi-las e fazê-las chegar a novas parcelas de possíveis interessados.

De fato, aproveitando o ensejo, gostaríamos de pontuar acima de tudo o mais o nosso desejo e intenção de que este primeiro número da *Oriente Cristão* agisse neste sentido, ou seja, de expor e ampliar as discussões que temos realizado no âmbito do Grupo, justamente para conduzi-las um novo grau de comprometimento, refinamento e alcance. Seus textos de alguma forma se articulam entre si e com os interesses que temos cultivado neste espaço, e ficaríamos realmente felizes se possibilitassem aos eventuais leitores um material de reflexão amplo, sério, diversificado e instigante.

Por fim, como nota muito pessoal, gostaria de agradecer de modo especial aos colegas Luis Lobianco e Carlos Humberto Pimentel Duarte da Fonseca, por terem acreditado nas vezes em que eu mesmo duvidei, e Sara Daiane da Silva José e Pedro Lucas Almeida da Silva de Freitas, por ajudar-me a ir onde eu mesmo não conseguiria sozinho.

Prof. Dr. Alfredo Bronzato da Costa Cruz  
*Em nome do Conselho Editorial da Oriente Cristão*

